

Foucault e a questão do *quem somos nós?*

FREDERIC GROS

RESUMO: O artigo procura mostrar que a evolução da noção de modernidade no pensamento de Foucault (que num primeiro momento parte da *Crítica da razão pura*, e em seguida se inspira no texto *O que é ilustração*, também de Kant, entendido como inaugural de uma atitude de diagnóstico do presente) é indissociável de seu projeto teórico.

UNITERMOS:
Foucault,
modernidade,
sujeito,
razão.

Ao tomar como tema a noção de modernidade na obra de Foucault, não podemos evitar de nos deparar, pelo menos num primeiro momento, com a problemática tratada por Habermas em seus *Discursos sobre a modernidade*. Lembraremos somente que, para Habermas, a modernidade (encarnada pelo projeto das Luzes e sua conceitualização na sistemática hegeliana) consiste na promoção daquilo que ele denomina “uma razão centrada sobre o sujeito”: advento de uma racionalidade que afirma em sua esteira o direito inalienável de um sujeito portador de valores irredutíveis.

Uma grande parte da filosofia ocidental moderna esgotaria aí o seu destino: Nietzsche, Heidegger, a Escola de Frankfurt, no caso da Alemanha, Bataille, Derrida e Foucault, no caso da França, são todos transbordamentos da modernidade para uma crítica prematura do sujeito e da razão. Não entraremos no detalhe destas análises da modernidade, da pós-modernidade e da tentativa de Habermas de instaurar um novo conceito da razão (razão comunicativa) desprovida de toda tentação nihilista. Basta tê-las situado. De resto, Foucault estava longe de compartilhar tais pontos de vista, mas não se trata para nós nem mesmo de erigir uma oposição conceitual entre os dois pensadores. O que nos interessará particularmente é a própria evolução da noção de “modernidade” na obra de Foucault, pois a elaboração deste tema permanece

Professor da Universidade de Paris XII

indissociável de uma definição de seu projeto teórico.

Podemos assinalar duas atitudes principais de Foucault em relação à “modernidade” (que designa sempre para ele um período que começaria no final do século XVIII - início do XIX, precedido pela “idade clássica”). No final dos anos 60, Foucault diz claramente que “se trata de se *desprender* desta idade moderna que começa em torno de 1790 - 1810 e vai até mais ou menos 1950” (Foucault, 1994c, p. 599)¹. No final dos anos 80, Foucault, ao contrário, *se inscreve* claramente na tradição da modernidade. Depois de ter colocado a “modernidade como questão” (cf. Foucault, 1994b, p. 681) pode afirmar que: “é esta forma de filosofia que, de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber, fundou uma forma de reflexão na qual tentei trabalhar” (Foucault, 1994b, p. 688). A atribuição de modernidade (que desta vez compreende Nietzsche, aquele pelo qual se tornou possível, no final dos anos 60, o movimento de desprendimento) é pensada por Foucault sob o signo da fidelidade.

A questão é bem a da modernidade filosófica: trata-se, nos dois casos, de uma época que está ligada à abertura preparada pela obra de Kant. Mas, também neste ponto, a disparidade ressurge.

Se se considera um texto como *As palavras e as coisas* (no qual culmina o período arqueológico de Foucault), é o Kant da *Crítica da razão pura* que constitui o limiar da modernidade: momento no qual, longe de encontrar no desdobramento das representações o próprio movimento do verdadeiro, se interroga sobre as condições de possibilidade *a priori* das representações. A modernidade é compreendida como época do transcendental, e de todas as suas variações antropológicas.

Nos anos 80, é Kant ainda que abre a modernidade, mas não é mais a obra crítica que serve de frontispício: antes, um pequeno texto, marginal, anódino, um simples artigo de jornal, a resposta de Kant à questão *O que é a Ilustração?*

Seria necessário poder compreender os lances teóricos de um tal deslocamento, compreender o que aconteceu com o que só se dá a pensar como uma *seleção de textos*.

A cada série kantiana (a série transcendental e a série histórica) poderia corresponder uma questão, questão infinitamente simples e que seria necessário poder fazer cintilar de novo em sua simplicidade original, tanto o alarido das respostas abafou cada uma delas. Dizer isto não significa afirmar que, para Foucault, cada época deve ser compreendida como a extensão aberta e determinada de uma *interrogação inaugural* (logo saturada pelas tentativas de respostas): mas talvez seja precisamente a especificidade da modernidade confundir-se com a abertura de uma questão.

Nos anos 60, a modernidade é compreendida a partir da urgência de uma interrogação teimosa, obstinada: o alfa e o ômega de todos os saberes, abrindo a idade de ouro das antropologias. Toda investigação (estética, epistemológica, política...) se curva na tentativa de definição de uma natureza

¹ Grifo nosso.

humana (este é o *viés comum* aos saberes).

Este primeiro período da obra de Foucault se deixa então compreender como o ensaio retomado de *ultrapassar* as sínteses antropológicas, convocando tanto a grande figura nietzschiana do além-do-homem quanto a experiência “inumana” da literatura, como a havia descrito Blanchot.

Se considerarmos agora a caracterização feita por Foucault da modernidade filosófica, tal como ele a pensa a partir do texto de Kant sobre as Luzes, encontraremos uma paisagem completamente diferente.

Foucault nos diz: neste texto, pela primeira vez, a filosofia se dá como tarefa a determinação do instante presente. O que é este hoje no qual pensamos? A filosofia toma por objeto o próprio lugar no qual ela se enuncia. Depois de Kant, é na interrogação direta sobre a atualidade que a filosofia deve poder encontrar seu recurso mais essencial. Este *diagnóstico do presente*, como Foucault o denominará também, pode encontrar sua realização teórica em duas direções que ele distingue claramente. Trata-se, de um lado, de pensar a relação entre a razão e a história. Colocar a questão da atualidade das Luzes, era, com efeito, para Kant, pensar a descoberta, por ela mesma, da razão *na* história, no momento em que a razão se pensa como razão *da* história. Esta questão da relação entre razão e história (Qual a historicidade da razão? Quais os efeitos históricos de uma dominação da razão? etc.) inaugura uma série de pesquisas que vai da fenomenologia de Husserl à Escola de Frankfurt e à história das ciências tal como a compreenderam Bachelard e Canguillem, passando por Marx e Heidegger.

Mas existe uma segunda direção de investigação. Colocar a questão das Luzes é abrir para a filosofia um campo de questionamento que tem como objeto a atualidade direta (o que significa ocupar-se menos com sujeitos da atualidade do que *problematizar* sua relação com a história): Quando Kant pergunta, em 1784: *Was heisst Aufklärung?*, ele quer dizer: “O que é que se passa nesse momento? O que é que nos acontece? Qual é este mundo, este momento preciso no qual vivemos?”. Ou, para dizer as coisas de outro modo: “Quem somos nós?” (cf. Foucault, 1994a, p. 231). Vê-se como, desta vez, Foucault dirige a interrogação kantiana para a questão do *sujeito*. *Quem somos nós?*, questão extremamente banal, de uma evidência enganadora, levantada por Foucault no limiar de nossa modernidade para desenhar sua abertura. Foucault assinala logo que não se trata de perguntar “quem somos nós enquanto sujeitos universais”, mas enquanto sujeitos, ou singularidades *históricas*. Qual é esta historicidade que nos atravessa e nos constitui?

Pode-se compreender então, de um lado, que a questão “o que é o homem” não é senão a retomada apaziguada, projetada num naturalismo neutro, da questão *quem somos nós*. Ou seja, no momento em que a questão *quem somos nós* se perde numa investigação sobre as constantes antropológicas, ela se altera e se esquece em sua violência e em seu eriçamento: pois não há sujeito que não seja *histórico*, e a determinação da historicidade daquilo que somos é ao mesmo tempo uma provocação à nossa *liberdade*.

Poder-se ia pensar também em segurar, com a questão *quem somos nós*, o fio vermelho dos trabalhos de Foucault: quem somos nós, que para sermos nós mesmos, sujeitos dotados de razão, temos necessidade de confinar os loucos? (*História da loucura*), quem somos nós, que, para sermos nós mesmos, construímos fortalezas para delinquentes? (*Vigiar e punir*). Dir-se-á então que a marca de Foucault é repetir a interrogação kantiana curvando-a na direção do *quem somos nós*, ou seja, é preciso sim dizer isto, enfrentar esta palavra, no sentido de uma busca da *identidade*.

Mas este conceito permanece bem constrangedor. Deve-se realmente dizer que com Foucault a tarefa moderna da filosofia seria, não mais estatuir sobre a ontologia do sujeito do conhecimento, mas sobre a identidade do sujeito histórico?

Mas talvez se deva ir mais longe ainda para não reduzir o pensamento de Foucault a uma investigação sobre as identidades históricas. Considerando os seus últimos trabalhos sobre a história da sexualidade antiga, assiste-se com efeito a um esforço de Foucault para ultrapassar a problemática identitária. Poder-se-ia mesmo dizer que é contra a investigação identitária como tal que os últimos textos são escritos. O que se passa então com a questão: *quem somos nós?*

A partir daí, não se considerava mais como histórica a identidade como conteúdo, mas a identidade como forma da questão.

Tradução de Maria das Graças de Souza do Nascimento

Recebido para publicação em maio/1995

GROS, Frederic. Foucault and the question of *Who are we?* **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 175-178, October 1995.

UNITERMS:
Foucault,
modernity,
subject,
reason.

RESUMO: The article intends to show that the evolution of the concept *modernity* in Foucault's theory, based at a first moment on the *Critique of pure reason* by Kant and afterwards on *What is Enlightenment?* which introduces an attitude of diagnosing the present, cannot be dissociated from his theoretical project.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. (1994a) Le sujet et le pouvoir. In: _____ . *Dits et écrits*. Vol. IV. Paris, Gallimard.
- _____. (1994b) Qu'est-ce que les Lumières? In: _____ . *Dits et écrits*. Vol. IV. Paris, Gallimard.
- _____. (1994c) Sur les façons d'écrire l'histoire. In: _____ . *Dits et écrits*. Vol. I. Paris, Gallimard.